

Entrevista com os psicanalistas Diana e Mário Corso sobre o livro, Fadas no divã, publicado, recentemente, pela Artmed.

1-Para início de conversa, uma ‘curiosidade analítica’: o que produziu o desejo de escrever esta obra? E, em que momento este projeto foi iniciado?

Mário Corso - Somos muito “crianceiros” e existe um resto infantil importante em nós dois, que pelo jeito é incurável. Embora nossas filhas já sejam adolescentes, e bem interessantes, esperamos que nosso entusiasmo com a infância não as atrapalhe na vontade de crescer. Curtimos muito a infância delas e ficamos muito perto do que elas estavam assistindo na TV e no cinema, no tipo de brinquedos que sua época lhes oferecia e nos grupos de crianças que circulavam pela casa. Enquanto vivíamos isso, líamos sobre o que a intelectualidade tinha a dizer sobre esses produtos e qual o efeito deles nas crianças. Ora, o material era pouco em relação ao caráter massivo dessa influência e sempre em tom superficial e alarmista. Não encontrávamos eco do que experimentávamos com o que era teorizado. Resolvemos então nós mesmos escrever algo sobre essa experiência. Isso começou vários anos antes do livro. Faz mais de uma década que colaboramos regularmente com a imprensa local, assim como em publicações psicanalíticas, sobre esses temas.

Por sorte nossas formações eram complementares em certos aspectos, a Diana foi analista de crianças muito tempo e eu tinha uma leitura razoável em antropologia, especialmente em mitologia, somos ambos curiosos por cinema e temos um acervo não tão primário em literatura. De qualquer maneira, a escrita foi em grande maneira sintomática. Em primeiro lugar, criamos um esqueleto da viagem que deveríamos fazer: partindo do acervo folclórico - refazendo o trajeto original de Bettelheim, com uma modalidade de interpretação um pouco diferente, mas mantendo sua cuidada erudição- até as manifestações culturais consagradas ao longo do século XX, contemplando obras que já tenham firmado seu lugar ao sol. Dentro desse roteiro, fomos escolhendo os eixos em termos psicanalíticos, dando-nos conta que as tramas se aglutinam em torno de assuntos. Claro que uma mesma história aponta para variados temas, mas podemos buscar nela um grande eixo e entre as várias tramas, um certo denominador comum. Descobrimos que podíamos fazer uma linha do tempo, colocando esses eixos na ordem em que eles iam se impondo ao longo do crescimento. Foi assim que fomos preenchendo nosso esqueleto e que, de certa forma, ele nos punha a falar.

2-Vocês situam que, nos nossos tempos, se produz narrativas infantis que tendem a amenizar os conflitos cotidianos, existenciais. Quais os efeitos de subjetivação que isso produz?

Diana Lichtenstein Corso - Não só no nosso tempo, acreditamos que a cultura produz anticorpos para amenizar seu próprio mal-estar. Este é o ponto onde mais discordamos de Bettelheim, pois ele considerava que em determinadas tramas encontra-se o pote de ouro do fim do arco íris, e elas seriam a síntese melhor acabada do que uma criança necessita - no caso os contos de fadas e nem todos (ele não gostava da maioria dos contos de Andersen, por exemplo, nem de muitas versões de Perrault). Pensamos que uma narrativa não precisa ser completa, como pode ser um conto de fadas, no sentido em que dispõe um problema e logo invoca sua solução, produzindo elaboração e reparação garantidas. Tanto várias histórias contemporâneas podem produzir esse mesmo efeito, como também os próprios contos de fadas podem ser usados pela criança aos pedaços, ela pode fazer um recorta e cola de muitas referências. O fato é que vemos como mais importante o sujeito que narra e o que escuta, como construtores da história

e de seus efeitos, do que a suposta eficácia de uma história acabada, lapidada pelos séculos. Para tanto, o processo em que são produzidas diferentes e sempre novas histórias, ou das velhas que são mantidas, reformadas ou resgatadas do esquecimento, constitui uma construção ativa e constante de um acervo instrumental de narrativas que passam de pai para filho, de autor para leitor. Como não temos os mesmos impasses que os seres humanos de outros tempos, é natural que novos tipos de histórias sejam criadas. Que sabia uma criança vitoriana da necessidade de construir um espaço de legitimidade para as questões da puberdade e da adolescência, como é o castelo mágico de Hogwarts? Que sabia ela da necessidade de discernir, desde cedo, situações onde a liberdade fica ameaçada ou a intolerância se veste de terror? Novos temas, novas ficções.

3-Um dos conceitos-eixo, se assim podemos referir, de Fadas no divã, é o de “pais suficientemente narrativos”. Em que rede de filiação esses pais estariam inscritos?

Mário Corso - Para a psicanálise a criança se subjetiva ao ser inserida no discurso, é a mãe que a banha de significantes que vão fazer dela um ser de linguagem e por isso humana. Até aí todas as teorias concordam, também é consenso que o pai entra como um terceiro que vai ajudá-la a se separar desse excesso materno. Não é desse discurso que estamos falando. Uma vez subjetivada uma criança, o trabalho não está pronto. O que queremos dizer é que depois disso os dois, pai e mãe ou seus substitutos, ainda são muito importantes como cicerones dessas crianças pelo mundo, ainda precisam dotá-las de instrumentos simbólicos para decodificação da realidade.

Com o crescimento e o contato com o mundo externo ao lar os desafios são muitos para os pequenos. Quanto maior o repertório imaginário, quanto mais este tiver sido oferecido permeado pela subjetividade dos pais, delineado pela neurose deles, quanto mais contiver embutido os desejos e as pendências deles com a vida, quanto mais disser das mágoas que eles carregam, mais rico será esse acervo. Perdoem a metáfora, mas é como aquelas aves que mastigam o alimento antes de colocar na boca de seus filhotes enquanto ainda são muito pequenos e não podem digerir coisas graúdas, os humanos podem oferecer aos seus filhos, principalmente quando ainda são pequenos, pequenas obras de ficção onde tenham alguma autoria. Quer porque se deram ao trabalho de escolher uma história, ou porque esqueceram um pedaço e ela ficou diferente, ou ainda porque ficam repetindo a parte que a criança gosta e espera ansiosamente. Ou ainda melhor, quando inventaram uma história ou um personagem. Pais e filhos muitas vezes têm amigos imaginários compartilhados, ou um boneco que se trata com extrema seriedade e respeito... Dessa forma é que os pais se tornam “suficientemente narrativos” quando se permitem sonhar alto com sua criança, sem medo do conteúdo latente que esteja sendo compartilhado.

Vocês podem nos dizer que isso é óbvio, e é certo, mas encontramos na clínica com crianças pais mudos, pais que não conseguem transmitir seu modo de ver o mundo, suas histórias. São pais nem sempre distantes fisicamente dos filhos, mas trocam os momentos de reflexão por atividades constantes, não desligam a televisão nunca, não falam com seus filhos ou então nos os escutam verdadeiramente. Esses pais simbolicamente mudos costumam ser aqueles que pouco admitem o que receberam dos próprios pais ou que querem livrar o filho da própria influência, como se assim se garantisse que ele vai crescer mais potente, capaz de superar as dificuldades neuróticas dos progenitores. Em resumo: são pais ascéticos, querem criar os filhos livres da contaminação da própria neurose - como se isso fosse viável - e a partir dessa negativa fosse então possível lhes garantir um sucesso, uma potência ou um gozo, que sentem que lhes faltou.

4-Em Fadas no divã, há, também, um certo diálogo com a obra de Bruno Bettelheim, dedicando, inclusive, um capítulo a ela, mencionando as insuficiências das interpretações realizadas por aquele psicanalista. No entanto, vocês indicam que tanto em Fadas como em Psicanálise dos contos de fadas se pede a “volta dos pais ao pé da cama”. Em que lugar, então, esses pais se encontram?

Diana Lichtenstein Corso -Nosso diálogo com Bettelheim é constante ao longo do livro, que é, na verdade, uma resposta e uma continuação à “Psicanálise dos Contos de Fada”, um livro inaugural, mas que, por algumas concepções do autor sobre a sociedade, já nasceu um pouco ultrapassado. Tentamos ir além dessa dificuldade do autor com a cultura contemporânea que é oferecida à infância. Mas, como vocês assinalam, como ele acreditamos que as histórias infantis são formadoras da subjetividade infantil, facilitam a compreensão do mundo, fornecem instrumentos simbólicos às crianças, e em certos momentos são até terapêuticas. Ora, existem duas maneiras básicas dessas histórias chegarem às crianças, via os diferentes meios (TV, filmes, revistas, teatro, livros, etc), onde a criança assiste ou lê ela própria, ou pela boca dos pais. Ambas formas são importantes e complementares, mas a mais negligenciada é a dos pais contando histórias diretamente para seus filhos. Acreditamos que esse momento é fundamental para enriquecimento de ambos.

Ao contar uma história a uma criança existe todo um entorno que acompanha e que sublinha o sentido da história. Essa história está vindo pela pessoa mais importante que existe para essa criança, ela sabe que o mundo dos pais parou para dedicar-se a ela, para lhe dizer algo, que só pode ser importante também. Além disso, a história escolhida nunca é ao acaso, pouco importa qual seja a motivação consciente, existe outra que a ultrapassa e desde esse lugar vai haver uma mensagem de inconsciente a inconsciente. Esses pais vão estar transmitindo algo que nem eles sabem o que é, e, além disso, transmitem uma forma de falar, uma entonação, ou seja, um estilo. Basta contar uma história para perceber que as crianças não são passivas, pedem comentários, opinam, discordam, propõe situações. Assim, essa hora de contar torna-se uma oportunidade de escuta dessas crianças, de valorização do que elas têm a dizer, de descobrir como elas reagem às histórias.

Intuitivamente, certos pais se inibem por que temem passar a sua neurose aos filhos, ou ainda se sentem desvalorizados como se nada do que sabem valesse a pena, talvez porque não valorizem o que seus pais lhes ensinaram ou porque temam igualar-se a eles. É muito comum hoje que os pais se lamentem de que não tem autoridade como os próprios pais tiveram, dizem assim para os filhos: se fosse meu pai tu não ias tirar toda essa farinha, com ele não terias toda essa liberdade. Ao mesmo tempo em que oferecem aos filhos uma liberdade que consideram justa, associam esse novo estilo da família que constituíram a uma descontinuidade em relação às gerações anteriores. Assim não podem ou não querem ser ouvidos pelos filhos com a mesma passividade que seus pais lhes impuseram. Na dúvida quanto a como proceder ficam calados é isso que seus filhos vão perceber, pais que parecem não ter o que dizer. Se um dia eles não forem respeitados em suas opiniões que não reclamem, afinal, foi de seu silêncio que começou a sua desautorização. Por isso é importante a volta dos pais ao pé da cama, para que os filhos possam saber melhor, mesmo que intuitivamente, inconscientemente, o que eles temem, pensam e esperam deles e da vida.

5-A publicação de um livro dedicado a este tema constitui uma iniciativa bastante original, sui generis. Como está sendo sua recepção?

Mário Corso - Escrevemos no difícil equilíbrio de falar a um público leigo e não aborrecer um público iniciado. Creio que fomos felizes, recebemos boas respostas de uma e outra parte. Mas o que de fato nos deixa mais contentes são os efeitos analíticos. Alguns leitores nos contaram que muitas passagens as fizeram repensar sua infância, suas histórias preferidas, suas fantasias infantis e que saíram sabendo mais delas do que antes, não porque lhes oferecemos uma chave de leitura indiscutível, mas porque precipitamos e oportunizamos elaborações. Mais do que conhecimento objetivo sobre histórias infantis, descobrimos que nosso livro produz insights, evoca material que as pessoas levam para os seus divãs (ou incrementa sua auto-análise) e se misturam com seus sonhos, associações e principalmente memórias de infância. Talvez essa seja a magia das fadas, porque elas nos colocaram a pensar. Para nós também a escrita foi muito particular e sintomática, de fato a infância de cada um é um território nebuloso mas rico e onde estão as fundações do que somos. Por sorte conseguimos uma obra que permita abertura à ela

Quando começou a se fazer psicanálise aplicada, que era onde se interpretava literatura, cinema, fazia-se uma espécie de psicologia do autor ou do personagem, classificando um e outro como se fossem de exemplos dos conceitos ou categorias nosográficas que se queria demonstrar. Mas trabalhamos dentro de outro paradigma interpretativo, que passa por deixar-se tocar pela obra e desde dentro de sua trama escrever sobre ela, onde o sujeito somos nós mesmos e não um terceiro sobre o qual se estuda. De certa forma Bruno Bettelheim faz isso, pois seu estudo sobre os contos de fadas foi um encontro muito feliz com o acervo da cultura européia na qual nasceu.